

93/E

Album

Biblioteca Popular de Lisboa

dos

Vencidos

N.º 7

113 FH

Editor, Director e Proprietario, Alberto  
Pereira d'Almeida ♦ Redacção e Admi-  
nistração, Rua Ruy de Pina, n.º 18,  
GUARDA ♦ Composto e impresso na  
Typographia do Anuario Commercial,  
Praça dos Restauradores, 27, Lisboa.





## Condessa de Ficalho

(D. Maria de Mello Ficalho)

Já lá vão 84 annos.

Corria horrivel o tempo. Preparava o inferno uma lucta medonha entre irmãos. Vinha do alto o exemplo: dividiam-se as familias em partidos. Irmãos contra irmãos, paes contra filhos. Todos tinham as suas ideias, mas essas ideias combatiam-se.

Era forçoso que a lucta se generalisasse, que a sorte das armas ducidisse a de cada um.

Tempo horrivel. Dizer-se d'um homem que era liberal, era abrir-lhe a porta do carcere, pesadissima porta, que uma vez fechada, só o carcere tornava a abrir.

Exaltavam-se os espiritos. Ser louco, ser crúel, era quasi prova de virtude. Um frade em plena rua insultava uma senhora e arrancava-lhe do chapeo o laço azul e branco; uma pobre creancinha era obrigada a dar tres voltas á roda da forca d'onde o pae a olhava n'uma careta horrorosa d'olhos esbugalhados.

E a liberdade apparecia em sonhos á fantasia, como o remedio unico.

A primeira condessa de Ficalho chamou os filhos e mandou-os partir.

Despediu-se d'elles no oratorio: — «Meus filhos. Só Deus dá a virtude, e o valor é uma virtude. Peçam a Deus lhe dê valor.»

Os filhos oraram em frente do altar e a Condessa orou com elles. Depois levantaram-se e vieram beijar-lhe a mão. Nem uma só linha se moveu n'aquelle rosto, nem um calafrio passou por aquelle corpo: aquellas entranhas que haviam dado vida áquelles que ella talvez agora mandava para a morte, ninguem diria que houvessem estremecido. Elles beijaram-lhe a mão e sahiram.

Quando minutos depois os creados entravam no oratorio, a Condessa de Ficalho estava desmaiada sobre os degraus do altar, hirta, vencida emfim, mas tarde, para que os outros a não vissem, os outros que tinham de vencer.

Cruelmente pagou no carcere o seu heroismo.

Os seus carrascos appellidavam-se esposos do Senhor, mas estavam desmoralizados pelo fanatismo político.

As negras paredes do convento de Carnide nunca haveriam visto até então soffrimento maior. E ella resignada sem uma queixa, rogava a Deus pela honra dos filhos!

Longos mezes se passaram, e apenas um santo padre lhe dava de quando em quando noticias de que os filhos eram vivos. Mas para que as freiras cruéis não desconfiassem, tinha de embrulhar essas boas novas nas blasphemias mais vis, mais atrozes, mais dolorosas para o coração d'aquelle pobre mãe, tão sozinha entre aquellas paredes frias, cheias das cruces negras da via dolorosa que ella tantas vezes beijaria como suas.

E dizia o padre quando a sentia perto:

— Então que me dizem? Aquelles homens teem pacto com o demonio! O Francisco Ficalho foi atravessado por uma bala, mas o diabo não o quiz. Lá desembarcou com o Duque da Terceira no Algarve.

E a Condessa chorava e agradecia a Deus.

Mal desembarcou em Lisboa, o Marquez de Ficalho correu a soltar sua mãe. Que delicioso encontro não deveria ser aquelle!

Dias depois ia uma senhora de pés descalços subindo a calçada da Graça em cumprimento d'uma promessa. Os curiosos apinhavam-se. O povo cumprimentava e dizia:

— Deixem passar. E' a mãe dos Ficalhos!

Deus dera valor aos filhos.

(Occidente, 1893, pag. 106.)

Quem era o Marquez de Ficalho?

Um valente como as armas bem temperadas, rijo como o aço de que eram feitas e como ellas um espelho.

Quando atravessava Lisboa, os velhos mostravam-o aos novos, os paes aos filhos, todos o conheciam, todos o estimavam. Elle a todos saudava com o seu caracteristico gesto patriarchal. Elle não podia conhecer tanta gente, mas era tanta gente que o conhecia a elle, e vinha a dar na mesma.





**Marquez de Ficalho**  
**(Dr. Francisco de Mello e Costa)**

Tivéra um ideal, batera-se por elle como um heroe. Soffreu muito, teve desconsoles e maguas, glorias enormes, compensações momentaneas. Viveu n'um tempo em que a palavra liberdade, lettra a lettra se escrevia no ceo, nos raios da estrella d'alva. E como os velhos cavalleiros medievaes por suas damas, batera-se por aquella, que quantas vezes os seus olhos sonhadores dos vinte e poucos annos veriam illuminada nas suas vestes purissimas como feitas de petalas d'um grande lyrio.

E porque elle soffrera muito, por isso lhe dedicára todo o amor. Amor vi-vissimo, amor terno, amor carinhoso, amor que lembra o amor de mãe, porque nenhum faz soffrer tanto, nenhum provem de maior sentimento.

E porque tinha a consciencia de haver trabalhado, de haver combatido, de haver soffrido pelo bem de todos, n'aquella mystica e santa gratidão de homem generoso por aquelle a quem fez a dadiva, elle a todos amava, a todos sorria, porque todos lhe deviam alguma coisa.

Portuguez d'alma, vida e coração, era-o pela raça, pela educação, pelo seu feito physico e pelas tendencias do seu espirito.

Seu pae, o primeiro Conde de Ficalho, morreu em Salamãca em consequencia de ferimentos recebidos na batalha de Arapiles.

Os nomes de seus avós encontram-se nas paginas mais brilhantes da nossa historia, tomada da Praça de Mourão, sitio de Badajoz, batalha das linhas d'Elvas.

Filho e neto de militares, abraçou a carreira das armas onde a gloria foi prodiga para com elle.

Effectivamente durante toda a campanha liberal não houve soldados mais bravos, mais destemidos.

O Marquez de Ficalho entrou em quasi todas as batalhas do Porto e do Algarve, distinguindo-se especialmente na batalha de 11 de agosto na Ilha Terceira.

No campo de batalha teve um posto de acesso. Mais feliz do que seu irmão atravessado por uma bala no cerco do Porto, nunca foi ferido em campanha. As balas contentavam-se em cobrir-lhe de furos o seu capote de cavallaria.

A' data da sua morte era a praça mais antiga do nosso exercito.

Antonio de Mello Breyner Telles da Silva, 2.<sup>o</sup> Conde de Ficalho e 1.<sup>o</sup> Marquez de Ficalho, Ajudante de Campo do Imperador D. Pedro IV, desde que este principe aportou á Ilha Terceira a 30 de março de 1832 até ao seu fallecimento, Mordomo-Mór da Casa Real, Gentil-Homem da Camara, da Rainha D. Maria II, d'El-Rei D. Pedro V e D. Luiz, foi par do reino, conselheiro d'Estado effectivo, grã-cruz e cavalleiro de varias ordens.

Em 1834 succedeu no titulo de Conde a seu pae o 1.<sup>o</sup> Conde de Ficalho, veador da prinzeza Maria Benedicta, filha de D. João VI, senhor de varias terras e commendador de diversas ordens guerreiras.

O Marquez de Ficalho era pae de Francisco de Mello, 4.<sup>o</sup> Conde de Ficalho, Gentil-Homem da Camara d'El-Rei D. Luiz, lente de botanica na Escola Polytechnica, Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Grã-Cruz e Cavalleiro de varias ordens, Embaixador de Portugal na coroação do czar da Russia, Nicolau II, e pae da actual Condessa de Ficalho, D. Maria de Mello Fi-



**Dr. Carlos Mello e Costa (Ficalho)**

calho, a quem especialmente, como a seus illustres filhos, o Marquez de Ficalho, Francisco Mello e Costa, enclausurado na Penitenciaria, e Carlos Mello e Costa, preso no Limoeiro, o *Album dos Vencidos* presta a mais significativa homenagem de apreço.

A Senhora Condessa de Ficalho é a primeira dama portugueza que bate ás portas dos carcereiros para auscultar a dor e mitigar os soffrimentos das centenas de presos politicos que a republica n'elles enjaulou.

E se todos aquelles a quem ella concedeu uma esmola que a extrahisse do cofre opulento ou da mina inexgotavel do seu coração, me dessem uma só nota de musica, este meu artigo seria um cantico mais alegre do que o dos israelitas na victoria, tão santo como um *tantum-ergo*; teria a envergadura da musica das almas gratas, que sóbe, para, ondula, para subir cada vez mais alto, mais alto até ao coração de Deus.

Se as lagrimas que enxugou corresse sobre faces mortificadas pela miseria, ou tremeluzissem em olhos caçados de desanimos, fossem como cristaes cravejar-se no azul aveludado do ceu da noite em nova constellação diamantina morriam as estrellas na aureola esplendente.

E se os sorrisos que ella abriu em rostos pallidos de tortura, em almas sequiosas d'uma esperanza, d'um consolo, d'um nadinha de luz rasgando as trevas d'um eclipse, podessem desabrochar em flores, resplandecera a primavera na vasta charneca transformada.

Quando ella atravessava as enxovias e casamatas das prisões destacavam-se na penumbra as scintillações dos seus cabellos d'oiro, a suavidade luminosa do seu olhar, a radiação do seu sorriso.

A Condessa!

Um só nome diz muito. Diz tudo a devoção com que o pronunciavamos.

A limpidez do seu olhar é só comparavel em mansidão á bondade das suas palavras. Quando falla, a consolação entorna-se dos seus labios no doce murmuro do sereno a cahir, e que até nos cardos faz abrir as flores.

E estamos agora a vê-la entrar no carcere, alegre á vista dos seus presos, sentar-se rodeada por todos, ricos e pobres, ouvindo-os, escutando anedotas, tal era a estima e a confiança que ella lhes votava, passando-se assim uma boa hora n'uma patuscada alegre e risota franca.

A sua phisionomia, o seu ar, os seus gestos, o seu andar, a mão que nos estende n'uma natural simplicidade soberana, fazem-nos idear, para que ella os atravesse, vastos jardins regrados, como buxos desenhando figuras geometricas, esferas sobrepostas, grutas sombrias, faunos alvejando em meio dos arvoredos, cisnes em lagos, fontes que murmuram.

O seu nome herdou-o d'um dos vultos mais notaveis da moderna historia portugueza, nome que anda ligado a todas as conquistas, que ainda ha oitenta annos eram o ideal dos corações.





**D. Maria Novaes de Castro (Resende)**

E esse nome tem tido a rara virtude de se ennobrecer a cada passo com os impulsos do seu coração generoso.

Ainda a boa imprensa não tinha feito appello á caridade publica em beneficio dos presos politicos pobres e da miseria de suas familias, e já a Condessa de Ficalho batia ás grades dos Fortes de Caxias e Alto Duque a indagar das necessidades dos presos, e recommendando insistentemente que não se acobardassem de mandar a sua casa buscar o que necessitassem. E d'ahi em diante, como as necessidades eram grandes, enviava diariamente os seus creados com uma abundante e succulenta refeição que ella propria preparava e que ia beneficiar dezenas de presos.

Só mais tarde chovem as subscripções a auxiliar a sua generosa iniciativa de assistencia geral sobre os presos politicos e suas familias, que só teve de abandonar para entregar a outras mãos carinhosas da Sr.<sup>a</sup> D. Constança Telles da Gama, até ahi occupada com o caso Ribas, quando teve de emigrar para não cahir nos ferros da republica, embora a contas com a sua justiça, que a absolveu do crime de conspirar contra ella.

Oitenta annos antes sua bisavó, a primeira Condessa de Ficalho, armava seus filhos contra os excessos do abso'utismo; e quem sabe se não seria ella que armaria tambem cavalleiros seus filhos, Drs. Francisco e Carlos, dois moços de vinte e dois annos que estão soffrendo a clausura?

Só elles e as paredes da capella do seu palacio da Rua dos Caetanos o saberão.



*R' Senhora Condessa de Ficalho:*

Porque sois bóa, nobre e desvelada,  
 porque vos sangra o coração de mãe,  
 porque andaes espalhando a flôr do Bem,  
 dôce missão altissima e sagrada,

porque em voss'alma forte e resignada  
 que tanta luz e tanta fé contém,  
 reina a Bondade que de Deus provém  
 e só por Deus vos poude ser mandada,

em nome da miseria sofredôra  
 porque a pudéstes mitigar, Senhora,  
 porque soubestes escutar-lhe a voz,

sêde bemdita como a luz da aurora!  
 Bemdita por quem sofre e por quem chóra,  
 bemdita pelo Amôr de todos nós!



*Suas Majestades Victoria de Hohenzollern e seu marido o Senhor D. Manuel, o Senhor D. Affonso, a Senhora D. Amelia e o Principe de Hohenzollern, sogro do Senhor D. Manuel*

## D. Antonio Barroso, Bispo do Porto

Cabe hoje a vez a este emerito prelado, o bispo dos bispos portuguezes, honrar esta galeria, como tambem já honrou e auxiliou com a sua assignatura o auctor d'esta publicação que deposita nas suas mãos um beijo de respeito e gratidão.

Regista a historia nomes de bispos que envergavam sob os habitos talares a cotta d'aço do guerreiro, e ao lado dos reis batalharam á arma branca pela sua religião e pela sua patria; corações em que a fé accudia os melhores enthusiasmos; espiritos que a victoria d'uma grande idéa perenemente inebriava para se encontrarem abertos ás supremas aspirações d'uma nacionalidade, que pretendia afirmar a sua existencia livre; evangelisadores d'uma doutrina de paz e de amor, e ao mesmo tempo combatentes indomitos pela supremacia d'essa doutrina, pelo exterminio da heresia, pela autonomia da sua terra: taes eram aquellos padres, que alliando ao culto de Deus o mais fervoroso amor patrio, nos legaram lição salutar, estimulante de grandes commettimentos, que o largo pèrpassar dos annos mais avivou e realça.

Entre esses padres de hoje e dos que melhor teem comprehendido e exercido o seu ministerio, distingue-se o nome do Sr. D. Antonio José de Sousa Barroso.

Portuguez de rija tempera na robustez physica que o ardente clima dos tropicos apenas conseguiu abalar, e mais e melhor, na regidez de animo caracteristica d'um grande luctador conscio da grandeza do seu sacerdocio, foi procurar, novo ainda, pois tinha apenas em 1880, apenas 20 annos, ao sahir do collegio das Missões Ultramarinas — os territorios d'Angola para ahi exercer, tão modesta quáo dedicadamente, a sua acção de missionario catholico.

No esclarecido espirito do joven missionario, affigurava-se que só o Evangelho podia tornar duradoura a acção das armas portuguezas, dia a dia conquistando novas vassalagens para a corôa de Portugal.

Estabeleceu-se no Congo, fundando no anno seguinte a missão de S. Salvador que constitue a sua mais levantada gloria.

Ao chegar a S. Salvador encontrou uma poderosa missão protestante ingleza que exercia sobre o rei uma grande influencia.

Teve de a combater e conseguiu-o, chegando a adquirir tal predominio em todo o Congo que os sobas dos pontos mais distantes de S. Salvador que andavam em litigio uns com os outros, o chamavam para arbitro das suas questões e acatavam as suas resoluções, evitando-se assim muitas guerras entre elles.

Para mostrar até que ponto era respeitado e querido dos pretos do Congo,





**D. Antonio, Bispo do Porto**

bastará dizer que para elles o juramento mais sagrado é o que fazem em nome do padre Barroso.

O Sr. D. Antonio do mesmo modo que subiu pelo seu valor as culminancias da hierarchia ecclesiastica portugueza, tendo as mais festivas demonstraçoens de sympathia do povo portuguez no seu regresso d'África, tambem subiu ao calvario com o advento da republica que não tem cessado de o vexar, já chamando-o aos tribunaes como se viu ha bem pouco tempo, já expoliando-o dos seus direitos e dos seus beneficios, como se vê do diploma que a seguir transcrevemos do *Diario do Governo*:

«O governo provisorio da republica portugueza:

«Considerando que a teimosa rebeldia do bispo do Porto contra as ordens legitimas do governo da republica produziu, além da offensa qualificada a esta e ás suas leis, graves consequencias e alguns perigos; . . .

«Attendendo a que D. Antonio José de Sousa Barroso prestou outr'ora relevantes serviços á patria portugueza como missionario nas nossas possessões ultramarinas e é dotado de incontestaveis virtudes pessoaes, que o impõem, como homem, ao respeito dos seus contemporaneos; . . .

«Faz saber que, em nome da republica, se decretou, para valer como lei, o seguinte:

«E' destituído das suas funcções de bispo e governador da diocese do Porto e administrador dos bens da sua mitra, D. Antonio José de Sousa Barroso, que não poderá voltar a qualquer ponto do territorio da mesma diocese, sem que intervenha nova deliberação do governo da republica.

.....  
 «Dada nos Paços do governo da republica, em 7 de março de 1911.»

O Sr. D. Antonio nasceu em Remelhe, concelho de Barcellos. Em 1873 entrou no Real Seminario das Missões de Sernache do Bomjardim e em 1879 celebrou a primeira missa. Depois de longa permanencia em África a partir de 1880, veio finalmente a ser sagrado bispo de Hymeria em 1891 e em 1898 transferido para Meliapor; em fevereiro de 1899 foi apresentado bispo do Porto, tomando posse em 2 d'agosto.

O Sr. D. Antonio é um prelado de rara illustração. Em diferentes publicações especiaes se acham archivados trabalhos seus que demonstram o muito conhecimento que tem das coisas africanas, e o patriotismo com que sempre tem servido o seu paiz e a religião.

## Padre José Manuel Ribeiro Braga

Novo ainda, pois não conta mais de 33 annos, nasceu em Braga, tendo-se evidenciado n'aquella cidade do norte, como jornalista e Pregador Regio, tendo no uso legitimo d'esta sublime profissão de soffrer perseguição, sendo preso pela vez primeira, em 22 de maio de 1911, accusado de ter fallado contra o regimen e incitado o povo á rebelião, n'um sermão pregado no dia anterior no templo dos Congregados. Depois de passar o dia 22 no commissariado de policia, foi no dia 23 remettido para Lisboa, á ordem do ministerio do interior, que o mandou para uma das prisões do Governo Civil, onde se conservou até ao dia 29, sendo então mandado para Braga e entregue ao poder judicial que lhe arbitrou fiança em 800.000 réis. Do despacho de injusta pronuncia, aggravou para a Relação do Porto, onde o recurso foi attendido.

A 25 de setembro do mesmo anno volta a ser preso pela segunda vez em sua casa, sendo precedida de busca ao domicilio, nada se encontrando de compromettedor... A accusação era de fazer parte do *complot* monarchico de Braga, de que faziam parte Manuel Dourães Castro Ferreira Tavares, Joaquim Antonio Pereira Villela e Gabriel d'Almeida Maia, que o acompanharam até julgamento, e a cujo *complot* se attribuia o facto de estar relacionado com os do Porto e Vianna do Castello.

Em Braga esteve no commissariado de policia e na cadeia civil, sendo em 16 d'outubro mandado para o Aljube do Porto, onde se conservou até 9 de janeiro de 1912, seguindo n'esse dia para o Forte do Alto do Duque, em Lisboa, onde esteve até 24 de março.

Do Alto do Duque escreveu uma serie de cartas para o *Diario do Porto*, que causaram justificada sensação, pela firmeza das convicções politicas do autor e pelas circumstancias em que desassombradamente eram escriptas.

Em 24 de março foi removido para o Limoeiro, onde esteve até 14 d'abril, seguindo n'esse dia para a cadeia da Relação do Porto, até que em 23 de maio lhe foi dada liberdade por julgamento que se effectuou no 2.º districto criminal.



Padre José  
Manuel Ribeiro Braga

## Conego dr. José d'Oliveira

Se ha individualidades, a quem penalise e indigne um vaidoso exhibicionismo ou uma estulta evidencia, e que antes tenham em muito apreço e estima que na obscuridade as conservem ou lá muito na penumbra as colloquem, para que fiquem ignoradas e desconhecidas, é por certo uma d'ellas a do modesto e illustrado Capitular a quem por muitos titulos o *Album dos Vencidos* deve a respeitosa homenagem que vem hoje tributar-lhe. Desde que attingiu o seu nome uma extraordinaria notoriedade, que foi legitimada e authenticada por um tribunal marcial, e é elle consequentemente um dos *vencidos*, que agora soffre, como tantos outros, os horrores e as torturas moraes de uma pavorosa e insólita prisão, justo é que, muito a seu pesar aqui occupe o lugar que lhe compete, para que bem definidas e accentuadas hajam de ser a sua firme coherencia e inabalavel fé nestes dias de abastardamento dos caracteres e de um pusilanime e desprezivel egoismo.

E, se bem que nenhuma prova contra elle houvesse, mas apenas e quando muito uns pequeninos «nadas» como o asseverou e proclamou o promotor de justiça militar, comtudo, na consciencia dos que o julgaram, nenhum merito teve e em nada influu tão clara como valiosa confissão para que sobre elle não recahisse e não o fulminasse numa tão dura e tão barbara sentença condemnatoria. Victima de uma ignobil denuncia da parte de quem só do respeitabilissimo sacerdote recebera protecção e amparo, e que de concerto e a instancias d'um primo, que com elle frequentara o Seminario de Bragança, em sua casa se intrudizira arteira e arditosamente, segundo o seu proprio depoimento, no miseravel intuito de bem observar e apurar o que sentia e pensava, foi o bondoso Conego Oliveira condemnado em 8 de janeiro d'este anno como um repulsivo e vil facinora, para sempre solidamente amarrado e aguilhoado a um aviltante e affrontosissimo pelourinho de ignominia e de infamia.

Mezes depois era removido para a Penitenciaria para que do convivio social houvesse de ser afastado quem por sua monstruosa e estupenda perversidade, na sociedade não pode nem deve viver e nem sequer respirar, ainda assim não só o seu halito pestifero de criminoso empestar e contaminar as almas candidas e immaculadas, que em tempos não muito remotos foram o que foram e os factos attestam e corroboram.

E foi exclusivamente em consequencia de uma vileza por um sordido denunciante praticada, e que bem dá a medida do seu valor e qualidades moraes, a ponto de, pelo mesmo e alludido promotor de justiça ser constatado e dito que produzira elle em quantos o ouviram a mais desagradavel e penosa impressão, que castigado e punido foi, em nome da lei e com todo o rigor e



severidade das leis de excepção, um prestante e exemplarissimo ecclesiastico, que para a sua querida e desditosa patria somente ambiciona e deseja dias mais venturosos e de mais pura e lidima gloria.

Não deve, porem, omittir-se que, a valorisa-la e imprimir-lhe o cunho de uma crível e veridica denuncia em todos os seus detalhes e minucias se apresentaram e compareceram duas inconfundiveis e auctorisadas testemunhas, que se dizem e são tidas como officiaes do exercito portuguez, d'esse exercito das mais assombrosas e brilhantes tradições e que tanto renome e fama nos conquistou em Ourique, Aljubarrota e Montes Claros e tantos outros campos, de épicas e memoraveis victorias. E muito embora o não conhecessem e nem com elle jamais tivessem trocado as mais breves e ligeiras palavras, comtudo a mais leve sombra de hesitação não houve de parte d'uma d'ellas, o capitão Palla, cuja espada tanto flammejou e rutilou ao sol da Rotunda, em assegurar, sob sua palavra de honra, que estava convencido de que era o Conego Oliveira um perigoso e temivel conspirador.

E assim são e estão sendo vilipendiados e oprimidos os que na curta estrada da vida apenas aspiram a manter-se e sustentar-se n'uma inquebrantavel linha de conducta, de princípios e de crenças, as mais criteriosas e louvaveis, e que outro *crime* não tem que o de muito amarem esta estreita nesga de terra em que nasceram e onde, apontando-lhes para o céo, suas mães lhes ensinaram o nome bemdito de Deus.



**Conego José d'Oliveira**

Natural de Niza, districto de Portalegre, e filho de uns modestos mas honradissimos lavradores, fez o Conego Oliveira, depois de educado por seu tio, o finado padre Ribeirinho, os preparatorios e os seus primeiros estudos theologicos no Lyceu e Seminario d'aquella cidade, ao lado de outros contemporaneos seus, de quem era muito admirado e respeitado, e que por sua capacidade,

illustração e sciencia, hoje são figuras eminentes e em evidencia n'este nosso meio lusitano; taes como o actual Bispo de Vizeu, Drs. Mendes dos Remedios, reitor da Universidade, Manuel Fratel, ex-ministro, Barros e Silva, lente de medicina, José Maria Tavares, lente de Direito, Lino Netto, lente do Instituto Industrial, e tantos outros.

Daqui encaminhou-se, já presbytero, para Coimbra, e na Universidade concluiu a sua formatura em Theologia em 1895, sendo um dos alumnos mais laureados do seu curso.

Neste mesmo anno seguiu para Bragança a convite do falecido antistite d'esta diocese, D. José Alves de Mariz, mas por desintelligencias com este seu prelado, foi coagido a retirar-se para Lisboa a fim de no curso Superior de Letras, cujo quarto anno ia frequentar, obter o necessario e indispensavel diploma de habilitação para o magisterio secundario em qualquer Lyceu do paiz.

O que foi em Bragança como professor dão fé e testemunho todos os que, durante quatorze annos ás suas aulas assistiram e o tem como pessoa de altos meritos intellectuaes e profundos conhecimentos scientificos.

Elevado á dignidade de deão, não chegou comtudo o tomár posse e ali desempenhava as funções de Governador Civil quando se consummou o regicidio que tanta retumbancia teve em todo o mundo civilisado.

Que o Conego José d'Oliveira, o nosso valioso e preclaro amigo, nos perdõe este humilde preito de respeitosa estima e que Deus lhe conserve a vida por largos annos para ao seu paiz e á causa de Deus poder prestar novos e valiosos serviços.

J. P. S.



## Padre José Pinheiro Marques

Nada mais grato para o chronista d'estes tempos revoltos, d'esta epocha tristemente caracterisada pelo mais absoluto culto da incompetencia, do que deparar de quando em quando com uma excepção, com um *oasis* de dignidade n'este immenso deserto em que o brio se estiola, para ceder o seu logar á falta de caracter e á falta de consciencia.

E' pois com uma grande consolação que hoje nos vamos occupar d'um *homem*, d'um homem a valer, que o é na mais lata accepção da palavra, por todos os titulos e por todos os motivos.

O Padre Pinheiro Marques não é apenas o beirão forte e sadio, quiçá descendente d'aquelle audaz pastor dos Montes Herminios que só pela traiçoeira morte se deixou vencer; o Padre Pinheiro Marques é bem mais, porque debaixo do seu arcaiboço largo existe uma alma, uma alma finissima que sabe sentir e



**Padre Pinheiro Marques**

sabe vibrar, uma alma pura que pura transparece nas suas virtudes, que melhores se não encontram, ainda que andemos com a candeia de Diogenes na mão, por toda a parte, em busca d'ellas.

Filho de paes humilimos mas honradissimos, José Pinheiro Marques que aos 8 annos era um pobre servente de pedreiros, surge-nos depois um dos mais distinctos estudantes do Siminario de Vizeu, para vir a ser o padre exemplarissimo que é.

Alguns annos andou pela provincia n'um constante trabalho de todos os dias, desconhecido e inglório, que só bem podem comprehender aquelles que conhecem o esforço do *abbade d'aldeia*, simples e bom, que o quer ser a serio, mais pela Crença e pela Fé do que por unico modo de vida.

O destino do Padre Pinheiro Marques tinha que ser porém mais largo, não devia nem podia ficar esquecido lá para cima, entre os fraguêdos longinuos da sua terra. O seu talento era grande de mais para poder estacionar alli, no monotono *sam-sam* que é a vida provinciana.

E foi assim que elle veio para Lisboa, confiado no seu esforço, para trabalhar, para lutar, para vencer, como na verdade venceu.

E é aqui n'esta grande cidade em que as competencias se degladiam, n'um tempo que a luta pela vida era qualquer coisa differente do que é hoje, é aqui que elle consegue triumphar por si proprio, sem trazer a recommenda-lo a habitual *carta de empenho* de que tantos se servem para subir e para se impôr.

*Professor, oradór, jornalista e publicista*, tudo e por tudo Padre Pinheiro Marques nos apparece de real valôr, trabalhando dia e noite, num labutar extenuante a que só uma saude como a d'elle pode resistir, porque é de ferro.

*Professor* consegue com um mimimo esforço dos seus alumnos o maximo aproveitamento, e, nas suas aulas, como por milagre, não ha um unico cabula, que elle tem artes de os fazer estudar por gôsto.

*Oradór* sabe prender um auditorio, que leva acorrentado á sua palavra facil, sincera, elegante e suggestiva.

*Jornalista* é um combativo e um doutrinario que atira fundo dois golpes certos, com mestria igual áquella com que defende uma ideia ou um principio.

*Publicista* ahi está o seu livro *O Socialismo e a Igreja* a attestar as suas grandes faculdades de trabalho e de talento, ao mesmo tempo que serve para desmentir o jacobinismo facciôso que alcunha o Padre Pinheiro Marques de reccionario quando, muito ao invez, é um espirito de orientação moderna, rasgadamente liberal, que sabe casar as ideias novas com a sua Crença e a sua Fé.

Na vida parochial tem o Padre Pinheiro Marques desenvolvido grande actividade, trabalhando desassombadamente na propaganda dos principios catholicos, que sabe defender, zeloso, pela palavra e pelo exemplo.

Apoz a proclamação da Republica e ao vêr cerceados os seus interesses, feridos os seus principios, abalada a sua propria liberdade, o Padre Pinheiro Marques segue com a altivez e a independencia de sempre o seu caminho, que o leva á Boa-Hora a sentar-se no banco dos reus por desrespeito á lei da separação e o conduz ao Limoeiro accusado de traidôr á patria (!) sem que tenha



escapado ás vaías, aos enxovalhos e ás aggressões da turba-multa, ignara e sectaria, mal educada e mal orientada.

E na prisão, quer n'uma infecta caserna do Castello de S. Jorge, quer no seu quarto do velho palacio do Conde Andeiro, quer mesmo no *segrêdo* onde teve a honra de ir com mais quatro companheiros (Dr. Cordeiro Ramos, Carlos de Mello Costa (Ficalho), João Henriques da Costa e Antonio Faustino), o Padre Pinheiro Marques é ainda e sempre o mesmo homem de character e de brio, forte, consciante e resolutio que impõe respeito e causa admiração.

C. R.

O Padre José Pinheiro Marques é filho de Antonio Pinheiro de Albuquerque e de Maria Marques dos Santos e nasceu em Figueiró da Granja, concelho de Fornos d'Algodres, no dia 7 de março de 1871.

Entrou no seminario de Vizeu em 1886, concluindo o curso de preparatorios, sempre com distincção, em 1889 e o de theologia em 1892.

Como não tivesse a idade precisa para receber *presbytero* esteve como sub-director no *Collegio da Senhora da Boa Fortuna* em Vizeu, e no *Collegio de Lamego*, em Lamego, até que em 1 de janeiro de 1895, cantou a sua primeira missa na igreja parochial de Figueiró.

Foi nomeado parochio encommendado successivamente de Villa Chá, Muxagata e Abravezes, collando-se em Algodres em 1898.

Em 1899 veio para Lisboa, como professor para a *Escola Academica*, dedicando-se conjunctamente ao ensino, á predicca e ao jornalismo.

Em 1902 foi nomeado prior da Freguezia de S. Christovam, e em 1909 de Alcantara.

Foi pela primeira vez preso na rua do Ouro, a 24 de maio de 1911, accusado de agitador, sendo solto seis horas depois. Em fevereiro do mesmo anno é levado ao banco dos reus, na Boa-Hora, por transgressão da lei da separação.

Em 8 de junho de 1912, dia do desastre em Chaves, foi assaltado e barbaramente aggreddido no Chiado, sendo levado preso para o Governo Civil, d'onde saiu em liberdade no dia seguinte.

Pouco mais d'um mez depois, em 17 de agosto, foi preso na terra da sua naturalidade, á ordem da 1.<sup>a</sup> divisão do exercito. Depois de permanecer seis dias, guardado á vista, na cadeia de Fornos d'Algodres, foi transportado para o Limoeiro, onde permaneceu mais doze dias incommunicavel.



**Manoel Dourões Castro  
Ferreira Tavares**

Nasceu em Canêdo, concelho de Feira, a 16 de março de 1873. Cirurgião dentista, residente em Braga, onde foi preso a 25 de setembro de 1911, com outros companheiros, sendo absolvido.

Finda a incommunicabilidade foi subitamente transferido, de noite, em carro cellular, para o Castello de S. Jorge, d'onde, ao cabo de dois mezes e meio, foi novamente mudado para o Limoeiro.

Em 20 d'abril de 1913, isto é ao fim de 8 longos mezes de prisão, foi posto em liberdade, sem julgamento por falta de provas.



## José Pereira Sabrosa

N'uma epocha de pavorosa crise de character em que se debate a sociedade portugueza, individualidades ha, que, não abdicando das suas crenças nem dos seus ideaes, muito se ufanam em manter e sustentar aquella idade de convicções, aquella firmeza de principios, que com saudade nos recordam os velhos portuguezes d'antes quebrar que torcer.

E entre essas individualidades importa salientar a do sympathico moço José Pereira Sabrosa, que no verdor dos annos e n'uma idade em que facilmente nos seduzem os mais pomposos programmas e as mais allucinantes theorias, não enveredou pela ampla e larga estrada dos accommodaticios, que a tudo se afeiçoam e a tudo se amoldam, mas sim pela aspera e accidentada via, que a luz da sua razão e da sua fé lhe illuminava como a mais segura e conducente ao termo d'uma trabalhosa e afadigada jornada. E, porque por ella se encaminhou, é uma das victimas que vem soffrendo as torturas moraes da prisão.

E assim é de adversarios, como este esperançoso moço, cujos feitos apenas se resumem e synthetizam na sua tenaz intransigencia, que tanto se temem e se arreceiam os paladinos do actual regimen que sobre suas cabeças suspenderam e vibraram o gladio temeroso e flamejante de sua severa e implacavel justiça, como se por sua fidelidade e coherencia não apresentassem elles o mais valioso e legitimo attestado de cidadãos prestantes e respeitaveis, e, por sem duvida muito mais prestantes e respeitaveis do que quantos os denunciaram e guerra de exterminio lhes moveram, pois que, na ancia de alardear serviços ou de assumirem as mais lucrativas e vantajosas posições, não trepidarão elles, amanhã, em infamar e trahir os que hoje applaudem e acclamam.

Se a insanía de um feroz demagogismo não houvera escurentado as intelligencias e pervertido os corações dos que hoje aferram o sceptro do poder e que ainda hontem se obstinavam e porfiavam em attingil-o e conquistal-o n'uma lucta insidiosa e sem treguas, que a tudo e a todos denegria e maculava, por certo que não seria em tribunaes de excepção e com uma severidade e rigor usada em



**José Pereira Sabrosa**



punir creaturas desnaturadas, que teriam sido justificados e condemnados aquelles que nenhum outro crime commetteram que o de muito amarem a patria que lhes foi berço, e de para ella sonharem dias de grandeza e de gloria como os que em tempos idos para ella amanheceram e despontaram.

Mas desde que a sua vaga alterosa e rugidora tudo foi afundando e submergindo n'um torvo abysmo de perfidias, de reivindicações e de vilezas, claro está que á sua furia indomavel e demolidora não poderiam tambem escapar-se nem eximir-se as instituições democraticas que hoje nos regem, e que sobre as ruinas do secular throno portuguez um dia se proclamaram e implantaram.

E assim, ahi se nos deparam e se nos offerecem inteiramente alheias e falhas de tudo o que no conceito mundial podia engrandecer-as e eleval-as, e mais ainda do que melhor definia e caracterisava a famosa e indomita raça portugueza, a sua nobreza, a sua generosidade, a sua brandura e a sua piedade para com os vencidos.

Nas longas e interminaveis horas da sua clausura teem elles pacientemente provado todo o amargor do infortunio, já atormentados e torturados pelo acerado espinho da saudade dos que lhes são caros, já molestados e tratados como feras n'um ajaulado recinto.

Mas jámais em suas continuas angustias os desamparou a confiança em Deus, bem como a esperança n'um futuro menos sombrio para esta estreita faixa de terra em que nasceram; e assim *fé* e *patria* — eis em que se consubstancia esse symbolo augusto e sacrosanto de que deriva a resignação e a coragem em sua tormentosa desdita.

José Pereira Sabrosa foi um dos raros que com uma rijeza exemplar se conservou firme nos seus principios sem a mais leve flexibilidade na sua conducta, razão porque as vexatorias perseguições foram constantes, sendo vigiado noute e dia até que em agosto de 1911, o prendiam para lhe fazerem suportar 29 dias de tyranica e rigorosa incommunicabilidade sem que ao menos podesse receber a comida que lhe mandavam, e durante os quaes o torturaram com pertinazes e nocturnos interrogatorios.

Depois de lhe terem movido um processo que é uma ignominia juridica e d'uma prisão preventiva de 20 mezes é condemnado no tribunal marcial em pena cellular.

A prisão de José Pereira Sabrosa, que pelo primor da sua educação e dotes de intelligencia é estimadissimo no nosso meio, foi sentidissima.

Logo que lhe foi levantada a incommunicabilidade, recebeu na prisão uma alta demonstração de apreço, sendo visitado por antigos professores, condiscipulos e amigos.

Durante o seu longo captiveiro uma vez apenas o encontramos desalentado e impaciente. Foi quando dois grandes golpes lhe atravessaram o seu coração de patriota, filho e irmão amantissimo: o fracasso da incursão monarchica e a prisão de seu pae e irmã.

Tambem quando da imponente e geral manifestação monarchica que se fez no Limoeiro, elle foi encerrado nos subterraneos d'aquelle ergastulo.



.....  
 Ao amigo dedicado, leal como a propria lealdade, cumpria-nos por multiplos deveres traçar estas linhas de homenagem.

*Dr. José d'Oliveira e Lencastre da Camara.*

José Pereira Sabrosa, nasceu em S. Mamede, concelho de Torres Vedras, a 30 de março de 1892; estudou preparatorios no collegio de Santa Luzia em Guimarães; foi preso a primeira vez em 24 de junho de 1911, por escrever um manifesto — *Aos Catholicos Portuguezes*; a segunda em 6 d'agosto do mesmo anno, accusado de conspirar contra a republica, pelo que foi condemnado em 21 de fevereiro d'este anno, a dois annos de prisão cellular ou tres de degredo.

Foi colaborador do *Portugal, Palavra, Revista Catholica*, e actualmente n'este *Album dos Vencidos*, cujos artigos assigna com as iniciaes. E' auctor do *Dever do joven catholico*, da *Escola sem Deus* e d'outros opusculos de apolegetica.

Entre as suas producções poeticas, salientaram-se: *Profissão de Fé*, dedicada ao Sr. Patriarcha de Lisboa; *Suprema dor*, á memoria de sua irmã Celeste, e *Revolta e Saudade*, dedicada aos seus antigos professores de Campolide e S. Fiel.

Foi elle que redigiu a celebre mensagem de protesto que os presos politicos enviaram ao Sr. D. Antonio Mendes Bello por occasião da sua expulsão, e a mensagem de felicitações que os mesmos presos enviaram ao Sr. D. Manuel II, pelo seu casamento.



## D. Maria Novaes de Castro (Rezende)

Já atraz fizemos referencia a esta illustre senhora que fazia parte do *complot* de caridade para com os presos politicos, que tivemos a honra de conhecer pela primeira vez no carcere, e a quem cabe a vez de prestar homenagem o *Album dos Vencidos*, a Excellentissima Senhora D. Maria Novaes de Castro (Rezende), filha de Arnaldo Novaes, antigo governador de Macau e Índia, e de D. Anna de Castro, filha dos Condes de Covo, e viuva de D. Luiz de Castro, filho dos Condes de Rezende.

## Dr. Agostinho da Costa Allemão

Embora seu contemporaneo em Coimbra, só nas prisões viemos a ter com elle relações de intimidade com que muito nos honramos e apreciamos. E ao cumprimental-o pela primeira vez no Limoeiro, onde a mesma fé, as mesmas convicções e o mesmo destino nos levou, queixa-se-nos, meio abatido dos soffrimentos porque estava passando, cujo relato vamos fazer ao traçar o seu perfil.

Dr. Agostinho d'Almeida Pinto da Costa Allemão, bacharel formado em philosophia e alumno do 5.º anno de medicina da Universidade de Coimbra, altamente classificado desde a simples distincção e *accessit* ao premio pecuniario a que pretenderam deitar a mão após a sua prisão, nasceu em Coimbra a 25 de dezembro de 1874, sendo filho do Conselheiro Manoel da Costa Allemão, que foi lente de prima e decano da Faculdade de medicina, hoje aposentado, tendo a alta distincção de presidir ao ultimo congresso internacional de medicina realizado em Lisboa, e de D. Maria Ermelinda Paes de Moraes da Costa Allemão.

Foi preso por conspirador a 18 de maio de 1911, época em que os carbonarios superiormente auctorisados prendiam a torto e a direito quem lhes apetezia, pretendendo tambem deitar-lhe a mão ao sahir d'uma das aulas do hospital, não o consentindo elle, que é dotado d'um raro vigor physico, declarando não lhes reconhecer tal direito e que só se entregaria á auctoridade competente. E com effeito dirigiu-se para casa, deixando aberta a porta e indo para a janella divertir-se, convidando os proprios carbonarios e guardas civis, que o tinham acompanhado sem ousarem tocar-lhe, a que entrassem e tomassem refrescos, juntando-se muita gente a gosar aquelle espectáculo, até que chegou a ordem de prisão redigida em fórma pelo celebre commissario de policia Floro Henriques, que tantos males tem causado a Coimbra. Foi então de carro para a penitenciaria onde esteve incommunicavel 28 dias sem ser interrogado, seguindo-se arrastadamente o monstruoso processo do chamado *complot* de Coimbra em que se havia de evidenciar, pelas suas façanhas, o juiz Costa Santos.

Posteriormente fez a via dolorosa de cadeia em cadeia, de Coimbra para a Relação do Porto, d'esta para o Limoeiro, d'aqui para o presidio naval da Trafaria e finalmente outra vez para o Limoeiro; sendo n'esta peregrinação os presos sempre mimoseados com insultos, doestos e vaias da multidão ignara com o consentimento e a contento de quem tal não devia permittir.

Em todas as cadeias que percorreu foi sempre o Dr. Costa Allemão um elemento de ordem e um bemfeitor de muitos dos companheiros de infortunio, aos quaes por muitas maneiras prestou serviços relevantes, já impondo a sua auctoridade de homem intelligente, forte e decidido para resolver certas pendencias, já accudindo aos mais necessitados com meios pecuniarios e reclamando



**Dr. Agostinho da Costa Allemão**



para elles melhora de rancho, quando era fornecido em pessimas condições, já tratando com todo o carinho os doentes que bastas vezes soccorreu com as luzes da sua sciencia e minuciosa observação, indo até ao ponto de informar os respectivos clinicos e propôr-lhes a therapeutica mais apropriada, e que elles accetivavam.



**Gabriel d'Almeida Maia**

*Solteiro, de 21 annos de idade, natural das Caldas do Gerez, e residente na cidade de Braga onde foi preso a 20 de setembro de 1911, entrando na esquadra policial e d'alli removido para Vianna do Castello em 23 do mesmo mez, voltando novamente para Braga em 27, passando da esquadra para a cadeia civil, e seguindo com o Padre Ribeiro Braga e companheiros para o Porto até julgamento em que foi absolvido com elles.*

cargo com o denodo e a coragem de que sempre deu provas, e com tal risco de vida, que na occasião em que transportava em seus braços um ferido para a ambulancia, veio a morte colhel-o, attingindo-o com uma bala, sem sequer o susto se ter apoderado do Dr. Costa Allemão.

Ainda na retirada praticou um acto de valentia aprisionando e mandando em liberdade depois de lhes tomar os cavallos, um grupo de soldados que pretendiam impedir-lhes a passagem.

Na Relação do Porto, com o auxilio de seu pae e do clinico da prisão, que se prestou a chloroformisar, fez gratuitamente a extirpação d'um grande lipoma do membro superior direito a um preso pobre, operação pela qual lhe pediam 600.000 réis.

Esteve enclausurado 360 dias, sahindo em 13 de maio de 1912 com fiança de 3.000.000 réis arbitrada pela Relação de Lisboa, os quaes foram exigidos e pagos alguns mezes antes do julgamento em Coimbra.

Demorando-se uns 4 dias em Lisboa na companhia dos paes, que sempre o acompanharam e principalmente a mãe, que quazi todos os dias o visitou em todas as cadeias, teve de emigrar, porque já em Lisboa haviam apparecido os seus inimigos de Coimbra, que tendo diligenciado em vão que lhe fosse negada a fiança, intentavam fazel-o novamente prender. Já em Coimbra, onde da prisão fora começar a fazer os seus actos, lhe foi prohibido continuar a instancias dos seus perseguidores.

Sahiu, pois, cautelosamente para a Hespanha, atravessando de noute as fronteiras guiado por um contrabandista, para juntar-se ás hostes de Couceiro, conservando-se ahi até á incursão de Chaves em que tomou parte na linha de fogo, donde foi chamado a prestar socorros aos feridos, desempenhando-se d'este en-



Internado segunda vez em Espanha, permaneceu na miseravel aldeia de Castello del Valle a tratar do sobrinho, Manoel Pinto d'Almeida da Costa Allemão Teixeira, aspirante de marinha, outro valente gravemente ferido no combate de Chaves, motivo porque não deram noticias á familia, permanecendo ambos ali sem recursos, porque tudo lhes fôra roubado, até serem encontrados pelas respectivas mães, duas corajosas senhoras, que em sua procura, ao acaso, e á ventura, sem lhes conhecer o paradeiro, percorreram a Hespanha com uma creança de 5 mezes ao collo. Durante 21 longos dias estiveram na mencionada aldeia as duas viajantes, acompanhando os filhos, prestando-lhes os soccorros de que tanto careciam n'aquella grave conjunctura.

Logo que o doente entrou em convalescença, partiu o tio, Dr. Costa Allemão, para a Argentina e de lá para o Brazil, onde actualmente se encontra.

Foi julgado e condemnado em Chaves a 20 annos de degredo, rasão porque em Coimbra se deixou correr tudo á revelia, onde foi tambem condemnado em 3 annos de degredo.



## Bem dita!

Bem dita sejas Tu, mãe de infelizes,  
Que longe de alegria e de prazeres  
Olvidas Tuas fundas cicatrizes  
E só com a Bondade a outros féres.

Que de ora ávante a estrada que tu pizes  
Atapetada seja a bem-me-quêres,  
Bem dito um coração com taes raizes!  
Bem dita sejas Tu entre as mulhéres!

Filha de portuguezes d'outra raça,  
Como esse coração agora ha-de  
Sangrar ao vêr o vendaval que passa!

E que vergónha a alma nos invade  
Pensando que chegámos á desgraça  
De se chamar um crime á Caridade!

Bellas.

(D'O Dia.)

R. DE ABOIM.

## Francisco da Silva Sequeira

A acção dos actuaes dirigentes constitue a mais flagrante contradicção e é a mais perfeita antithese do programma que haviam annunciado em dithyrambos redemptores.

Diziam-se os paladinos da liberdade, os defensores do Direito, os reacionarios da prepotencia e do despotismo. Protestavam que a republica seria a mensageira sublime de grandes venturas, de felicidades sem numero, a unica redempção e salvação da Patria.

Na propaganda não cessavam de vociferar contra tudo quanto representasse uma excepção ou envolvesse uma leve falta de respeito ou consideração pelos direitos e liberdades do cidadão. Insurgiam-se contra a auctoridade e desrespeitavam as leis, allegando que ellas não traduziam a vontade nacional. Chamavam o povo á revolta contra o regimen e faziam a apologia de crimes repugnantes e hediondos como o do assassinato do Rei Carlos I e de seu filho o principe Luiz Philippe. E se a defeza das instituições sahia fóra dos limites da cobardia, encarcerando revoltosos apanhados em flagrante, como succedeu no 28 de janeiro, logo os chefes da demagogia, defendendo fantastica liberdade, appareciam nos comicios a proclamar principios, a apellar para a clemencia regia, implorando lavados em lagrimas, a amnistia para os infelizes correligionarios que tinham os filhos a morrer de fome, mas que nas prisões eram tratados com o respeito devido a presos politicos.

Proclamada a republica renegaram vergonhosamente os principios que haviam proclamado. Já não são os mesmos. Deixaram cahir a mascara.

Algemaram a liberdade e agrilhoaram o patriotismo. Violaram as consciencias e pisaram o Direito. Atraiçoaram e conspurcaram os principios, renegaram o passado, perseguiram a verdade, exaltaram a mentira, oprimiram, odiaram, assassinaram. . .

E os que por coherencia e decoro proprio não quizeram saudar a tyrannia e incensar o sol nascente, foram atirados alvarmente, cobardemente para as cadeias, para os presidios, para as Penitenciarias!

Entre centenas de victimas do jacobinismo verdugo e sanguinario que uma torpe e infame denuncia roubou ao convívio social e encellou na Penitenciaría, encontra-se Francisco da Silva Sequeira que todos consideram um perfeito homem de bem, um esposo exemplar, um pae extremoso, um amigo dedicado e valioso, um commerciante honrado.

Gostosamente vimos traçar o perfil d'este nosso velho amigo que, pelo seu incendido patriotismo, pela sua ardente fé e entranhado amor á causa monarchica



**Francisco da Silva Sequeira**

e pelo seu impoluto e integerrimo character, bem merece o timbre cinzelado de benemerito da Patria e que o nosso *Album* o acolha na sua galeria.

Francisco da Silva Sequeira é uma individualidade assaz conhecida na nossa Lisboa. No meio commercial é elle respeitadissimo mercê da escrupulosa lisura com que trata os seus negocios. Entre as classes abastadas é estimadissimo devido



**Joaquim Antonio Pereira Villela**

Nasceu em 18 d'agosto de 1892 na freguezia de Joanne, concelho de Fomalicão, vivendo em Braga, onde possui uma agencia de negocios ecclesiasticos. É um dos redactores da «*Illustração Catholica*», que se principiou a publicar ha pouco. Preso em sua casa a 25 de setembro de 1911, acompanhou de prisão em prisão até julgamento o Padre Ribeiro Braga, sendo tambem absolvido.

aos seus primorosos dotes de educação e fino trato. Os pobres querem-lhe como a um protector desvelado que é. Nunca á sua porta bateu um faminto que elle não desse de comer, um nú que elle não vestisse, um desventurado a quem elle não minorasse o seu penar.

E é um tão prestimoso cidadão que o conselho marcial condemnou em *quatro annos de prisão maior celular seguidos de oito de degredo*, ou *quinze annos em alternativa*, só porque um illota, um chulo qualquer se lembrou de pagar com uma denuncia calumniosa e nojenta, os multiplos favores que a sua victima lhe prestára!... Sim, por uma sordida e vilissima denuncia executada por um miseravel contrabandista a quem Sequeira muitas vezes matou a fome, e urdida por alguns colegas que corroidos de inveja e despeito pelo progressivo desenvolvimento da sua casa commercial, foi preso, sujeito a longos dias de incommunicabilidade rigorosa e a doze dias de calabouço no Governo Civil n'uma intolerante promiscuidade com os mais abjectos criminosos e execrandos facinoras.

Gorado o movimento monarchico de 8 de julho recommçaram as perseguições, repetiram-se os vandalismos dos primeiros tempos da republica, fervendo o odio n'um frenesi epileptico. Todos os sem brio e hombridade, sentimentos estes que en-

grandecem e nobilitam um povo, puderam livre e desenfreadamente cevarem os mais torpes e crapulosos odios, e assim os inimigos do nosso biographado puderam saciar torpemente as suas perversas e damnosas ambições.

A sua prisão teve logar no dia 20 de julho e realisou-a um famigerado bandido que cynica e hypocritamente se confessava seu amigo, sendo depois da incommunicabilidade mandado para o Limoeiro onde nos veiu encontrar.



A sua entrada n'este carcere causou-nos uma magua profunda, mas o sofrimento centuplicou quando no dia seguinte aqui vimos a sua virtuosissima esposa, essa respeitavel Senhora tão querida da nossa Sociedade, a quem tambem rendemos aqui o preito sincero da nossa sympathia pelas suas excelsas virtudes, debulhada em pranto, abraçal-o commo vida e tremula, n'um copioso choro entercortado de suffocantes e amargos soluços, e os filhos, duas tenras e ternas creanças beijando com sofreguidão o seu estremecido e bondosissimo pae a quem esta scena commovente havia deixado prostrado e livido, como prostrado e livido nos deixou a nós, bem como a todos que presenciaram tão lancinante quáo edificante spectaculo.

Francisco da Silva Sequeira é filho de Isidro da Silva e D. Maria da Conceição Sequeira; nasceu em Proença-a-Nova em 14 de maio de 1878.

Veiu para Lisboa aos 7 annos para tirar o curso do Collegio Calipolense, dedicando-se depois á vida commercial.

Em 1905 casou com D. Candida Emilia Rebello, filha do commerciante e proprietario Manuel Rebello.

De muito novo filiou-se no partido Regenerador, tendo depois acompanhado o conselheiro João Franco, sendo socio fundador do Centro Regenerador Liberal José da Silva Carvalho, a que prestou valiosos e importantissimos serviços. Foi sempre desvelado protector de todas as instituições de caridade e beneficencia.

O julgamento de Francisco Sequeira realisou-se em 21, 22, 23 e 24 de abril. N'este processo faziam parte, entre muitas outras individualidades, a nobre e piedosa Condessa de Ficalho e seus filhos.



**José da Silva Ribeiro**

*Nasceu em 17 de setembro de 1881 na freguezia de Painzella, concelho de Cabeceiras de Basto; fazia parte do numeroso grupo de revolucionarios monarchicos, que por occasião da incursão de julho içaram a bandeira monarchica no edificio da camara municipal d'aquelle concelho. Preso, foi condemnado a 3 d'agosto pelo tribunal marcial de Cabeceiras de Basto, em 6 annos de prisão cellular, seguidos de 8 de degredo, ou na alternativa de 20, que está cumprindo na Penitenciaria de Lisboa.*





**Fachada principal da igreja da Conceição Velha**

*(A arte nos tempos ominosos)*





## AOS EX.<sup>MOS</sup> ASSIGNANTES

Com o n.º 6 termina a assignatura do 1.º trimestre, e com o n.º 9, o 1.º volume de *Album dos Vencidos*, para o qual offerecemos as respectivas capas.

Tambem communicamos que reduzimos os preços de assignatura e que mudámos a redacção para a GUARDA, para onde devem ser dirigidas todas as reclamações, bem como elementos de informação, photographias, etc., que tenham cabimento na nossa publicação.

A assignatura é permanente.

Serie de 6. numeros .....	1\$000 réis
» » 3 » .....	540 »
Avulso .....	200 »

O *Album dos Vencidos* vende-se em todas as livrarias e tambem na

**Rua dos Douradores, 32, 1.º, D. — LISBOA**

Redacção e administração: Rua Ruy de Pina, 18 — GUARDA.

---

Um dos proximos numeros 8 ou 9 d'este Album, occupar-se-ha do casamento do Sr. D. Manuel, não o fazendo já, porque desejando fazer um trabalho completo enriquecido com o maior numero de gravuras de personagens, factos e ainda prendas offerecidas ao Sr. D. Manuel, aguardamos a promettida colaboração d'alguns dignatarios que assistiram ao sumptuoso acto e que obsequiosamente se prestam a contribuir para o maior brilhantismo d'esse numero.